



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 2
abr-jun.2024
p. 197-214

“Estranhavam o fato de eu não andar de namorado, namorado homem”: as memórias e a narrativa de uma professora do interior da Paraíba

(“*Se sorprendieron de que yo no tuviera novio, un novio varón*”: los recuerdos y la narrativa de una maestra del interior de Paraíba)

(“*They were surprised that I didn't have a boyfriend, a male boyfriend*”: the memories and narrative of a teacher from the interior of Paraíba)

Joanderson de Oliveira Gomes¹
Fabricio de Lima Bezerra Silva²

RESUMO: Este texto apresenta a narrativa docente de uma professora do interior paraibano que se declara lésbica. A pesquisa tem por objetivo compreender os caminhos percorridos pela professora Raquel, nossa entrevistada, assim como analisar de que forma suas singularidades contribuíram/afetaram no processo de sua constituição docente, partindo do pressuposto que ser uma professora lésbica traz à tona demandas que a diferem de uma docente heterossexual. Como percurso metodológico, seguimos os caminhos propostos pela História Oral, na perspectiva da recuperação e valorização da memória docente feminina. O estudo sinaliza como a instituição escolar vem histórica e culturalmente se constituindo como um espaço onde a heteronormatividade tem lugar privilegiado, relegando a homossexualidade às margens. Desse modo, o espaço escolar vem se tornando um dos lugares mais difíceis para alguém não heterossexual. Apesar desse cenário, foi possível perceber ainda as rupturas construídas no transitar de nossa participante, bem como a importância do fato de tê-la atuando no espaço público – e educativo. Do mesmo modo, sinaliza-se a urgência de uma formação docente que prepare os(as) professores(as) para lidarem com a diversidade, respeitando toda a sua riqueza e pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas; memórias; docência; homossexualidade.

Abstract: This text presents the teaching narrative of a teacher from the interior of Paraíba who declares herself a lesbian. The research aims to understand the paths taken by teacher Raquel, our interviewee, as well as to analyze how her singularities developed/affected the process of her teaching constitution, based on the assumption that being a teacher brings to light demands that the peculiarities of a heterosexual teacher. As a methodological path, we followed the paths proposed by Oral History, with a view to recovering and valuing female teaching memory. The study highlights how the school institution has historically and culturally constituted itself as a space where heteronormativity has a privileged place, relegating homosexuality to the margins. In this way, the school space has become one of the most difficult places for someone who is not heterosexual. Despite this scenario, it was still possible to perceive the ruptures created in the traffic of our participants, as well as the importance of having them participate in the public – and educational – space. Likewise, it highlights the urgency of teacher training that prepares teachers to deal with diversity, respecting all its richness and plurality.

Keywords: narratives; memoirs; teaching; homosexuality.

Resumen: Este texto presenta la narrativa docente de una profesora del interior de Paraíba que se declara lesbiana. La investigación tiene como objetivo comprender los caminos recorridos por la docente Raquel, nuestra entrevistada, así como analizar cómo sus singularidades desarrollaron/incidieron en el proceso de su constitución docente, partiendo del supuesto de que ser docente pone de manifiesto demandas que las peculiaridades de una Profesor heterosexual. Como camino metodológico, seguimos los caminos propuestos por la Historia Oral, con miras a recuperar y valorar la memoria docente femenina. El estudio destaca cómo la institución escolar se ha constituido histórica y culturalmente como un espacio donde la heteronormatividad tiene un lugar privilegiado, relegando la homosexualidad a los márgenes. De esta manera, el espacio escolar se ha convertido en uno de los lugares más difíciles para alguien que no es heterosexual. A pesar de este escenario, aún era posible percibir las rupturas creadas en el tránsito de nuestros participantes, así como la importancia de hacerlos participar en el espacio público – y educativo. Asimismo, destaca la urgencia de una formación docente que prepare a los docentes para afrontar la diversidad, respetando toda su riqueza y pluralidad.

Palabras clave: narrativas; memorias; enseñando; homosexualidad.

¹ Mestre em Educação e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação da Paraíba - HMEPB - (CCA/E/UFPB/CNPq). Atualmente é professor da Faculdade Três Marias (FTM).

² Mestre em Educação e Licenciado em Matemática pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial (GEPE)(UFPB) e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática dos Anos Iniciais (GPE+)(UFPB).



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 09/06/2023

Aceito em 13/03/2024

1 Introdução

Desenvolver pesquisas que investigam as histórias de vida docente nos auxiliam a contribuir com a escrita da história da educação, a investir e a valorizar a voz docente, trazendo-a para o centro das discussões. Ao realizarmos esse investimento, podemos inferir como o percurso educativo vem se constituindo em determinado tempo e espaço e, desse modo, como as relações construídas pelos(as) sujeitos(as) estabelecem relações outras com os contextos culturais e sociais.

Nesse artigo, pretendemos tecer algumas reflexões a partir da história de vida docente de uma professora do interior paraibano. Ainda que de forma breve, iremos refletir sobre a presença de uma docente, mulher e lésbica que, para se afirmar como tal, percorreu caminhos tortuosos frente a uma educação que não percebia na diferença uma potencialidade, mas um erro, um desvio que fugia da normativa do que se esperava socialmente para a figura feminina.

Concordamos com Scott (1995), quando afirma o gênero – e, nós acrescentamos, a sexualidade – como uma categoria que contribui para a análise histórica, entendendo a importância desempenhada nos papéis sociais de gênero atribuídos aos(as) indivíduos(as) e que nos permitem compreender a construção de determinadas estruturas sociais como uma ferramenta de controle e manutenção social. Trazer as mulheres para o centro das discussões implica alargar as noções tradicionais do que se entende historicamente como importante. E quando essa mulher é lésbica, é preciso lidar com um outro índice de subalternização. Afinal, para uma visão mais tradicional, que importância teria a história de vida de uma mulher lésbica que ousa ser professora?

Desse modo, pretendemos, através das memórias e da narrativa docente, compreender os caminhos percorridos por nossa entrevistada e de que modo as suas singularidades interferiram nesse processo. Inevitavelmente, iremos tocar nas questões de gêneros e sexualidades que perpassam a constituição docente de sua vivência profissional. A partir desse objetivo geral, temos os seguintes objetivos específicos: a) inferir a forma como o espaço educativo tem lidado com as questões dos gêneros e das sexualidades e b) elucidar as rotas de fuga possíveis performadas pela docente entrevistada.

Nesse sentido, tomamos, como objeto de estudo, a narrativa docente da professora Raquel³, que trabalha no município de Mamanguape, no estado da Paraíba, e que se identifica como professora, mulher e lésbica. A relevância da pesquisa se dá pelo investimento da voz docente e pela recuperação da memória feminina e lésbica de uma professora do interior paraibano brasileiro. Construir trabalhos que investem na valorização de sujeitos(as) que tendem a ser alijados(as) do espaço social, excluídos(as) do espaço público, pode se constituir como uma ferramenta potente

3 Nome fictício para preservar a identidade de nossa entrevistada.



no enfrentamento às questões de preconceito e discriminação, além de contribuir para a história da educação paraibana.

Na esteira desse pensamento, Chartier (2020) sinaliza a importância da reflexão a respeito das condições que dão subsídios para que determinados discursos se sustentem ao longo dos anos e, desse modo, entendermos por que algumas vozes são ouvidas, tidas como ecos da verdade, e outras tendem a ser marginalizadas. Nessa perspectiva, é preciso que se considere que toda a história, seja ela demográfica ou política, se constrói em um seio cultural, fruto de significações que são idealizadas pelas atribuições que lhe são feitas historicamente pelos sujeitos.

Percorrer esse caminho investigativo é um espaço profícuo para analisarmos a forma como os ambientes educativos têm lidado com as questões que fogem com a dimensão normativa da sexualidade humana e da constituição dos(as) sujeitos(as), entendendo que essa construção tem se dado histórica e culturalmente. Ancorados em Nóvoa (2007), partimos do pressuposto de que o nosso eu-pessoal e o eu-profissional não se separam ao adentrarmos os muros da escola; eles se afetam e influenciam a forma como nos constituímos professores e professoras.

2 Percorso metodológico

Enquanto campo metodológico, optamos, na feitura deste trabalho, pela História Oral, por sua proposta estar centrada nos(as) sujeitos(as), naquilo que os(as) indivíduos(as) narram sobre as suas experiências (Teixeira; Praxedes, 2006), e no modo como, na rememoração do passado, eles(as) refletem e nos oportunizam desvelar nuances que compõem determinado período histórico sob olhares outros, que não apenas os das grandes narrativas.

Pesquisas desenvolvidas a partir da História Oral trazem à tona uma discussão que tem relação direta com as vidas sociais dos(as) sujeitos(as) sobre as questões que os(as) atravessam de diversas formas e que os(as) constituem enquanto indivíduos(as). Ela se apresenta, desse modo, como um campo teórico-metodológico interessado nos comportamentos históricos e culturais da vida humana, em uma perspectiva de desconstrução de verdades que se pretendem universais e/ou inquestionáveis.

Na esteira desse pensamento, Meihy e Holanda (2020) afirmam que a História Oral é diretamente social, principalmente por ser na vida comunitária, nas relações estabelecidas socialmente, que podemos compreender os(as) indivíduos(as) e como eles(as) vivenciaram os momentos históricos que estão fincados em suas memórias e que, na narrativa de suas vivências, vêm à tona.

A História Oral está entre os ditos e os não ditos, no espaço em que a história escorre por



entre os dedos, onde se pressupõe que não há relevância. Ela reside no entrelugar no qual os(as) sujeitos(as) constroem suas vidas, anunciam as suas histórias, no ir e vir da memória, das marcas do tempo, do que ficou no passado, da fala por vezes negada, do silenciamento nos grandes palcos das macronarrativas.

Desse modo, refletir sobre as vivências docentes de uma professora, mulher e lésbica vai ao encontro dos caminhos propostos por esse campo teórico-metodológico em razão de sua proposta de valorização e de investimento da voz da docente, da mulher lésbica representada aqui na figura de nossa entrevistada, a professora Raquel.

Para Alberti (2010), é nesse sentido que encontramos uma das maiores contribuições da História Oral: o investimento e a valorização de narrativas que apresentam uma outra história, uma outra experiência, que precisa ser valorizada e respeitada e que não se constrói no vazio, mas que estabelece relações outras, que tomam forma a partir dos contextos históricos, culturais e sociais.

A investigação que encontra assento na História Oral lida principalmente com memórias narradas através da oralidade. Para Delgado (2003), é na narrativa que o(a) sujeito(a) potencializa suas memórias, rememorando assim aquilo que o(a) atravessou dentro do percurso histórico. As narrativas da docente aqui entrevistada podem trazer nuances do cenário educativo e da forma como uma professora lésbica tem se constituído socialmente, sobretudo dentro da escola, no exercício profissional, a partir do contexto no qual está inserida e como tem encontrado fissuras para existir e resistir.

3 Nos caminhos da docência: as memórias de uma professora lésbica

A constituição docente ocorre na vivência do espaço educativo. É nas relações, no fazer cotidiano, que nos tornamos professores e professoras – nas decisões que tomamos, nas renúncias, no vínculo que criamos com os(as) nossos(as) estudantes. Para alguns(mas) docentes, essas decisões estabelecem relação mais direta com as questões de caráter pedagógico, não significando com isso que o eu-pessoal e o eu-profissional se separem: ambos estão imbricados e se afetam constantemente.

No entanto, para alguns(mas) outros(as), o fazer docente, o transitar no espaço educativo, levanta questões que singularizam a sua prática e, por vezes, questionam a sua atuação profissional, sobretudo se esses(as) docentes não se alinham ao padrão de heteronormatividade difundido em nosso espaço social, em que a heterossexualidade é tida como regra, norma, relegando tudo que foge dela à anormalidade (Louro, 2019).

Nas pesquisas desenvolvidas por Neil Franco (2009), Felipe Gabriel Ribeiro França (2014),



Pedro Paulo Souza Rios (2019) e Joanderson de Oliveira Gomes (2023), por exemplo, podemos notar como o espaço de atuação profissional docente pode ser desafiador para professores(as) homossexuais. Em suas pesquisas, tomando a narrativa docente, os autores mostram como esses profissionais, por vezes, tiveram sua atuação questionada, sua presença rejeitada ou o menor dos erros atribuído ao fato de serem homossexuais. Via de regra, eles(as) não eram apenas professores(as), mas, o(a) professor(a) homossexual, e tal constatação nem sempre era benquista por seus pares, pelos pais e mães dos(as) alunos(as). É nesse entrelugar que esses(as) educadores(as) têm se constituído como professores(as).

A professora Raquel vem transitando no espaço educativo há 24 anos. Declara-se como uma mulher lésbica, possui graduação em história e tem atuado no município de Mamanguape, Paraíba, desde a sua aprovação em concurso público. Nossa conversa com a entrevistada se deu de forma muito tranquila, no seu local de trabalho. Todo o diálogo foi gravado e posteriormente transcrito na íntegra.

A entrevista foi realizada mediante um roteiro com perguntas pré-estabelecidas que visavam conduzir o momento para que houvesse uma reflexão sobre a docência a partir da vivência de uma professora lésbica. Novas perguntas acabaram surgindo baseadas nas respostas que foram dadas pela docente.

Filha de uma família numerosa, 38 irmãos no total, os quais são descritos por ela como pessoas muito ligadas aos costumes, às regras, a uma perspectiva conservadora em que o único caminho possível para a mulher seria casar e ter filhos. A percepção de sua orientação sexual se deu por volta dos 15 anos em um ambiente onde todos os discursos eram contrários às sexualidades que fugissem à normativa heterossexual, discursos esses que visavam legitimar a heterossexualidade como algo dado no espaço público, naturalizado nas relações sociais e que não deveria ser questionada, mas seguida:

[...] é complicado assim de você avaliar, porque quando eu comecei a me aperceber da minha sexualidade de verdade, eu estava em uma igreja, era evangélica. Então, você imagina o mundo, a cabeça de uma adolescente de 15 anos. Um pai extremamente ignorante. Casos como esse eram aberrações na família. Foi muito complicado para mim, muito dolorido, porque eu não tinha com quem dialogar, eu não podia falar isso em casa, não podia falar isso com minha mãe, não podia conversar isso com os amigos porque era um dilema muito grande. Como é que uma pessoa, uma evangélica, agora estava sentindo desejo por alguém do mesmo sexo? (Raquel, 47, professora).

O contexto descrito pela professora Raquel não se trata de um fato isolado. Perrot (2007) alerta acerca disso ao se debruçar sobre a história das mulheres e a respeito de como elas eram vistas como aquelas que nada tinham a dizer ou fazer, além de casarem, cuidarem da casa, do marido e dos filhos, sem a possibilidade de quaisquer outros caminhos a serem seguidos. No caso



de nossa entrevistada, porém, com o acréscimo das questões que perpassam sua orientação sexual, nós encontramos outros agravantes, como o silêncio socialmente imposto, que implica não poder falar com ninguém sobre as angústias pelas quais passava por não entender o próprio corpo e os desejos que sentia.

Essas relações, que podem ser observadas na narrativa da professora Raquel, delineiam um cenário histórico conservador que, em seus discursos, não contempla a diversidade humana em sua pluralidade e, nesse sentido, os nossos corpos vão se constituindo, sendo significados no âmbito da cultura em uma relação contínua de alteração e afetação (Louro, 2019). Ao passo que existia sobre a professora Raquel toda uma expectativa de que ela seguisse os caminhos destinados à figura da mulher, podemos notar, entretanto, que ela vai construindo rotas de fuga, as quais serão melhor detalhadas posteriormente, que incidem diretamente sobre a sua constituição como sujeita.

Com a proposta de entendermos como a professora Raquel vivenciou o espaço educacional, optamos por partir, desde o princípio, de sua escolarização. Assim, pedimos que ela nos relatasse esse período e como ela o vivenciou. Nesse primeiro momento, nos interessava saber se as questões relativas à sua sexualidade vinham à tona durante esse processo, pois entendemos, conforme pontua Junqueira (2013), que a escola tem se constituído historicamente como um espaço que produz e reproduz padrões de heteronormatividade que objetivam sempre recolocar os corpos dentro das divisões binárias masculino/feminino.

Não, não percebiam. Porque, assim, na verdade, nunca tive trejeitos, nunca tive o vestir diferenciado, porque, até pela família que tinha, pela religião que eu praticava... Então, assim, as roupas sempre foram muito femininas, o que não mudou muito para hoje. Hoje tem o meu assumir de verdade, mas, para a época, não havia isso. Estranhavam o fato de eu não andar de namorado, namorado homem. Eu sempre vivia rodeada de amigas, de meninas, e eu as tratava mesmo como amigas, eu as tinha como amigas. Mas aí a idade... todo mundo questionava, 'está na hora de namorar', para casar, começar a pensar em ter filhos. Isso para mim era um queimar de cabeça, porque eu não tinha esse pensamento (Raquel, 47, professora).

Nas primeiras falas da professora, notamos um cuidado quanto ao comportamento social, a forma como se vestir, se portar, falar, como se relacionar: uma preocupação que, via de regra, se dava a partir do olhar do outro sobre o seu corpo, o que vem a ser uma vigilância disciplinar que desempenha seu poder sobretudo pelo uso do simples, o olhar que chama atenção e que convida à norma (Foucault, 2014).

Butler (2019, 2020) entende esse conjunto de normativas e formas de disciplinar os corpos – no sentido do que vestir, de como se portar frente ao espaço social, tendo por parâmetro o gênero atribuído no nascimento – como performatividade de gênero. Dito de outro modo, existe um discurso reiterativo que visa a direcionar os(as) sujeitos(as) a se alinharem com padrões de



comportamentos que são compreendidos como heterossexuais. Em outras palavras, essa ação é reiterada cotidianamente dentro dos espaços de sociabilidade e difundida em filmes, livros, discursos, entre outros. “No entanto, como os/as indivíduos/as performam à revelia desse padrão, podem romper com a lógica esperada” (Gomes; Miranda, 2023, p. 4).

Ainda nos termos de Butler (2019, 2020), acionamos o conceito de “performance”, que se configura como as ações que efetivamente são desenvolvidas pelos(as) indivíduos(as) em suas vidas cotidianas. Embora sejam termos que possam ser confundidos como semelhantes, eles não são a mesma coisa, pois “performatividade não é performance: a performatividade é o que possibilita, potencializa e limita a performance” (Borba, 2014, p. 450). Assim, a *performance* de gênero não ocorre livremente – ela se defronta, se choca com esses discursos normativos.

A cobrança que se exercia sobre Raquel estabelece relação com o ato de casar e ter filhos – função a ser exercida pela mulher. Para Berta Ferreira e Lenira Ferreira (2004), a mulher tinha “dono”, primeiro representado na figura do pai, depois, do marido, a quem ela devia se dedicar inteiramente, cuidando dele e de seus descendentes. Dentro dessa concepção, a mulher era entendida enquanto vocacionada ao cuidado, ao afeto, a ser mãe, e todas deveriam cumprir com essa função social.

Na esteira desse pensamento, Louro (2019) sinaliza como homens e mulheres são sempre incentivados a exercerem uma sexualidade reconhecida como normal, a saber, a heterossexualidade. Todas as demais se constituem à margem desse padrão, configurando-se como sexualidades dissidentes, abjetas, estranhas e que devem ser contidas, controladas ou, ao menos, mantidas na esfera privada.

[...] foi muito pesado, muitos irmãos não me dirigiam a palavra, não falavam durante muito tempo, [...] não é agradável aos olhos deles. Tipo assim: para eles, a irmã perfeita seria a casada, uma penca de filhos, porque, como eles têm penca de meninos, assim a recatada e do lar. E isso eu nunca fui (Raquel, 47, professora).

Adentrando o período profissional, indagamos à professora como se deu sua inserção no universo educativo e como tem sido seu transitar nesse espaço, inclusive suas possíveis dificuldades para conseguir emprego. Ela começou narrando sua aprovação no concurso público, em Mamanguape, Paraíba, e como sua sexualidade esteve mantida em segredo durante seus primeiros quatro anos de docência, até que uma namorada trouxe tudo à tona.

[...] No término de um dos meus namoros, o primeiro por sinal, a pessoa, muito arredia, inconformada, fez um escândalo de frente à escola. Era uma escola pública, e voltada para o ensino fundamental I. Muitas crianças. Eu tinha meus 21, 22 anos. Também muito nova, mas aí, já com a cabeça da universidade, já estruturada também. Mas aí, fui chamada pela direção da escola, pelo escândalo que houve e tudo. Conversei, expliquei a situação. Que bom que do outro lado houve essa compreensão, por parte da direção, da coordenadora também. Elas compreenderam, porque também já me conheciam há mais



de 4 anos dentro da escola lecionando, nunca tinham visto nenhum desvio de conduta, nada que pudesse atacar a minha imagem em si, o meu trabalho em nada (Raquel, 47, professora).

A partir desse acontecimento, a dinâmica de Raquel começou a ter algumas alterações. Com sua identidade sexual vindo a público, alguns desconfortos começaram a ser vivenciados por ela e, aos poucos, seus pares foram se mostrando arredios ao fato de terem uma professora lésbica, fazendo com que até mesmo sua atuação profissional fosse questionada: ela deixou de ser a professora de história e tornou-se a professora lésbica. Durante esse período, ela também atuava como gestora da instituição.

Eu recordo muito bem da situação em que, em 2018, eu estava enquanto gestora na escola Iracema Soares e um grupo de alunos nos procurava do 8º ano da manhã para fazer queixa de dois professores que estavam inibindo a postura deles e as falas, principalmente no que se refere às questões de gênero. Eram turmas que a gente já tinha orientado nas discussões que falavam muito do setembro amarelo, porque a gente tinha conseguido acompanhamento para alguns adolescentes que estavam com muita dificuldade em casa, com relação à própria identificação; alguns estavam fazendo automutilação e a gente tinha puxado algumas palestras e havia direcionado também para que as pessoas tivessem essa abertura de conversa, de diálogo, de identificação e que a gente pudesse estar dando suporte enquanto instituição. E eles nos procuraram para falar a respeito desses dois professores [...]. Quando eu soube disso, eu chamei os dois professores para conversar e foi um embate muito grande que a gente teve, que acabou culminando em uma reunião com todo o corpo da escola. Disse que a gente não admitiria esse tipo de postura. Os dois professores não entenderam que quem estava falando ali era uma educadora igual a eles. Eles acharam que o meu posicionamento era porque eu era de esquerda e porque eu era lésbica, e que eu estava querendo influenciar os alunos e as alunas, desviando elas da virtude, da boa sociedade, da família e jogando elas para doutrinação de gênero. Ficou um clima muito pesado na escola, que, infelizmente, a gente teve que se impor, de dizer que quer eles enxergassem que fosse por doutrinação nossa, por querer impor a nossa sexualidade, mas que ali, enquanto uma escola democrática, uma escola aberta, o regime adotado não seria aquele, seria de liberdade mesmo com o nosso alunado (Raquel, 47, professora).

A dimensão a respeito da doutrinação, citada por nossa entrevistada, vem sendo amplamente utilizada nos discursos políticos de nossa sociedade, principalmente por grupos fundamentalistas e conservadores, criando um verdadeiro pânico moral. Seu(uas) adeptos(as) visam deslegitimar as discussões que encontram assento no campo dos gêneros e das sexualidades, conforme destaca Junqueira (2022, p. 17): “nessas ofensivas engajam-se setores e grupos interessados em promover uma agenda política moralmente regressiva, em especial (mas não apenas) orientada a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero, sexo e sexualidade”.

A máxima proferida a partir desse entendimento de doutrinação, e que vem ganhando destaque nesses discursos, é a dimensão da ideologia de gênero⁴. Embora ela não seja alvo de análise neste texto, vem sendo utilizada como ferramenta de ataque às discussões que não se

4 Um neologismo que cumpre o papel de um artefato retórico e persuasivo em torno do qual foi possível reorganizar o discurso político e desencadear novas estratégias de mobilização e intervenção (Junqueira, 2022, p. 17).



alinham ao discurso da heterossexualidade como condição normal, indo de encontro à norma, questionando-a e fazendo-a falar sobre si, como construção histórica e cultural.

A narrativa de nossa entrevistada desperta muitas reflexões, principalmente sobre o espaço educativo e como, via de regra, ele reverbera um ideal de sexualidade e postura humanas atrelado à heterossexualidade – entendida como a que se alinha à moral, aos bons costumes, ao que é defendido como correto por grupos mais conservadores de nossa sociedade, imbuídos de um discurso que visa naturalizar comportamentos heteronormativos⁵ e a anormalizar quaisquer formas de desvio.

Essa compreensão de sociedade estabelece relação com o que Rich (2010) define como heterossexualidade compulsória, isto é, que atinge a todos e todas desde o nascimento. A partir da narrativa médica – é menino, é menina –, uma série de expectativas se afirmam e são (im)postas aos sujeitos, configurando formas de viver socialmente aceitas como padrões de normalidade, de modo que outras possibilidades são ferrenhamente rejeitadas.

Um outro ponto é a postura docente de dois professores que tentam controlar dois alunos por não se alinharem a esse padrão anteriormente citado, repreendendo-os por não falarem como homens – ou, ao menos, como se espera que homens heterossexuais falem –, por suas posturas não estarem de acordo com as normativas sociais de gênero, esperadas socialmente. Podemos perceber como a heterossexualidade é celebrada e desejada como algo natural, ao passo que as sexualidades dissidentes são sempre convidadas ao anonimato, devendo permanecer nos seus armários e não vindo a público sob nenhuma circunstância (França, 2014).

Pensando essas questões, remetemo-nos a Nóvoa (2007), quando ele afirma que a forma como nós ensinamos e nos tornamos professores e professoras está intimamente ligada com o nosso eu-pessoal, com quem somos na condição de sujeitos. Dessa forma, o eu-pessoal e o eu-profissional se afetam constantemente. Podemos notar isso, por exemplo, na atuação preconceituosa dos dois professores que se mostraram contrários ao comportamento dos dois alunos, por suas formas de se expressar e de falar. Não houve separação profissional por parte deles, mas suas crenças/convicções pessoais direcionaram sua atuação docente de forma direta, não importando que a escola fosse um espaço para todos e todas.

No que diz respeito à ação da professora Raquel intervir na defesa dos alunos, esta foi vista por seus pares como uma atitude pessoal. No imaginário deles(as), ela defendeu os alunos por ser

5 A heteronormatividade, conforme Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p. 20), refere-se “ao conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. [...] A heteronormatividade reforça as normas de gênero e a produção da sequência heteronormativa sexo-gênero-sexualidade obedece à lógica da produção de corpos e desejos obrigatoriamente heterossexuais (‘heterossexualização compulsória’)”.



lésbica, por também não estar alinhada à normalidade esperada pelos demais. Sua ação foi tida como a imposição de uma sexualidade que não devia fazer parte dos muros escolares, mas faz e está presente em todos os lugares. Não deixamos de ser quem somos ao adentrarmos a instituição escolar. E não discutir essas questões tem transformado o lugar do conhecimento em um espaço de desconhecimento, de perpetuação e reprodução de velhos discursos (Louro, 2019; Junqueira, 2013).

Havia sempre muito preconceito. Eu me lembro muito bem de uma colega de trabalho, não vou citar aqui o nome, na época que trabalhava comigo lá no Padre Geraldo. Eu iniciei lá. E havia uma afirmação a respeito de uma pessoa na cidade, os burburinhos de sempre. Ela muito indignada falava, né? Na verdade, na época, a gente não tinha nem essas definições dos nomes propriamente e ela zombava muito, 'é porque fulano deve usar a camisa do L', que é a da lésbica. Corrigindo: não era do L, era do S de sapatão. Um deveria usar o V, de viado, e o outro era uma interrogação (?), porque eles não sabiam o que era. Ela ria e debochava. E isso era uma conversa desnecessária, principalmente quando se estava fazendo planejamento de aula. Você estava ali para planejar, discutir aula. E eu sempre falava que isso eram questões que a gente devia respeitar, mas sempre fui muito voto vencido (Raquel, 47, professora).

A narrativa da professora Raquel traça contornos de um espaço educativo ainda resistente às discussões que contemplam a diversidade em toda a sua pluralidade. O desconhecimento, por parte de alguns(mas) colegas de trabalho, a respeito do campo dos gêneros e das sexualidades, é perceptível em suas falas e posturas, que não faziam o menor esforço nem para respeitar uma docente que dividia diariamente o mesmo espaço que eles(as).

Essas situações incidem diretamente na constituição da professora Raquel como profissional, fazendo com que ela possua demandas outras com as quais seus(uas) colegas heterossexuais não precisam se preocupar cotidianamente, uma vez que suas atuações como docentes não são questionadas pela identidade sexual: eles(as) não precisam se preocupar a respeito de como falam. O que defendem, ou o que acreditam, remete a questões que não irão pôr em pauta a sexualidade de cada um, o que difere de nossa entrevistada: seus passos são tidos como subversivos e suas ações tendem a ser relacionadas ao fato de ela ser uma professora que é lésbica e, sim, de fato, suas ações estabelecem relação direta com o fato de ser uma mulher lésbica. No entanto, isso ocorre na perspectiva da valorização e do respeito às diferenças, o que se faz necessário frente aos espaços sociais que reiteram como norma a heterossexualidade humana, sendo esta a única possibilidade aceita.

Nessa mesma direção, França (2014) elucida que ser um(a) docente homossexual exige uma outra racionalidade sobre si: é preciso se incomodar com o eu-pessoal, inquietar-se e pensar nas maneiras possíveis de atuar em sala de aula, ser cuidadoso(a), cauteloso(a), onde o convite dos olhares que nos cercam é sempre para uma homossexualidade que se ancore na discrição e no



silêncio. Desse modo, urge a necessidade de ocuparmos cada vez mais espaços de socialização, transitarmos dentro do espaço público, atuar e existir. São corpos não heterossexuais em movimento que provocam deslocamentos outros e tensionam a norma, questionando-a e problematizando-a.

Na esteira de suas memórias, a professora Raquel relembra as situações que presenciou – e em certa medida ainda presencia – no âmbito da escola, situações de preconceito e discriminação com estudantes que fogem às normas de comportamento esperado, dentro da lógica masculino/feminino, e nos conta como ser uma docente lésbica acabou atraindo a atenção de outros alunos(as), na perspectiva de se aproximarem dela, de dividir suas dores, angústias e também suas dúvidas. Talvez, por perceberem nela uma identificação pessoal ou por sentirem que ela seria alguém que entende os desafios de não ser heterossexual.

Você imagina, por exemplo, a situação de uma adolescente que hoje já deve estar maior de idade. Eu tenho acompanhado ela já há uns 4 anos, mas a família, mesmo eu chamando – chamei mãe, chamei avó – não abraçaram, não enxergaram e sempre a excluíram. Isso fez com que a cabeça fosse tumulto, fosse um verdadeiro carrossel de emoções, mesmo a gente conseguindo acompanhamento psicológico dentro do município. Fez seis meses de acompanhamento, depois ela deixou de acompanhar e isso perturbou demais, porque ela ficou sem se descobrir, sem saber onde ela estava de verdade, se realmente era gay, se realmente era lésbica, se era bi, se era hétero. Não sabia, não é? E a última vez que tive contato com ela, ela estava grávida, grávida de um rapaz recém-separado que tinha idade de ser avó dela. Eu fiquei indignada demais porque eu vi que, na época, era uma menina ainda. Então, uma pessoa com a mente em confusão. Inclusive, os filhos dele frequentavam a sala de aula com ela. Então assim, eu vi ali uma violação muito grande. Conversei com ela se ela não tinha, se ela não queria fazer uma denúncia, mas aí a fala me doeu mais ainda, pois ouvir ela dizer: ‘E quem é que vai cuidar do meu filho? Porque minha avó e minha mãe não me aceitam, eu vou cuidar dele como?’. Então, essa é uma situação que nos desgasta demais, e ver que a escola tem falhado no mesmo tamanho que as famílias quando não enxergam e não reconhecem os seus filhos como eles de fato são. Porque um adolescente com uma cabeça dessa, em um mundo desse, descobrindo o próprio corpo, mas a cabeça não acompanhando essas descobertas, sem ter o acolher da família... você se perde em uma situação dessas. Não sei se amanhã ela vai retomar e perceber que ela é gay ou se ela vai achar melhor permanecer nos pés dessa pessoa que parece avó dela, com uma criança nos braços, sendo uma criança para cuidar de outra (Raquel, 47, professora).

A narrativa de nossa entrevistada vai traçando as nuances de um espaço educativo que ainda não está preparado para lidar com as diferenças em sua totalidade por questões de diversas ordens. Embora a escola deva se constituir em um espaço laico, onde todos e todas devem ser respeitados, nossos jovens ainda esbarram em situações que os limitam, que os fazem pensar e repensar em sua existência, muitas vezes se indagando sobre quem de fato são, buscando os supostos erros que precisam ser ajustados.

Nessa direção, Miskolci (2020) sinaliza que historicamente a escola vem sendo partícipe de um assédio moral, quando normaliza a heterossexualidade em detrimento das demais sexualidades. Para o autor, normalmente a educação tem um molde: você entra e se adapta. Mas, nem sempre isso é possível e é preciso que o espaço educativo esteja atento a essas questões. Acreditamos na escola



como um espaço potente para desconstrução de visões preconceituosas a respeito das questões que se alinham ao campo dos gêneros e das sexualidades, precisando potencializar essa ação.

A fala da professora Raquel vai ao encontro ao que Junqueira (2013) percebe na escola, vendo-a como um dos lugares mais difíceis para que alguém fora dos padrões heteronormativos possa transitar livremente, sem ter sua existência questionada por ser quem é. Conforme argumenta o autor, existe, na instituição escolar, uma espécie de produção e reprodução que funciona na manutenção da perpetuação de discursos heteronormativos. Dessa forma, os papéis sociais alinhados à dimensão do masculino/feminino tendem a ser reafirmados em uma única perspectiva.

As diferenças inevitavelmente chegam nas escolas (Franco, 2009; Sales, 2019), mas nem sempre a instituição consegue lidar com isso. É bem verdade que tivemos avanços importantes e a discussão sobre a diversidade em certa medida tem encontrado fissuras dentro desse cenário. A própria presença da professora Raquel no espaço educacional mostra que temos provocado rupturas dentro da estrutura social.

Uma professora mulher e assumidamente lésbica transitando em um espaço onde o discurso heteronormativo ainda se faz presente é um ato revolucionário. E nós percebemos isso inclusive na narrativa das suas memórias – a relação que ela tem construído com os(as) alunos(as), as ações com objetivo de ajudá-los(las) a permanecer na escola, a escuta, o cuidado, dizem sobre a profissional que ela tem buscado ser dentro dos muros escolares. É na potência desse discurso que encontramos as resistências, os escapes, as rotas de fuga.

Refletindo sobre essas questões, Raquel pontua uma série de entraves que afetam o trabalho no espaço escolar, sobretudo nas discussões a respeito da educação e acerca de como ela deve ser discutida ou não. Ela faz menção às mudanças ocorridas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principalmente em oportunizar na escola a discussão sobre gêneros e sexualidades de forma mais efetiva – discussão essa que, conforme demonstra Junqueira (2013), esteve presente nas primeiras versões do documento, mas que gradativamente foi suprimida pelas pressões exercidas por políticos católicos e evangélicos, mais conservadores.

Na esteira desse pensamento, Ramalho e Vieira (2020) sinalizam o silenciamento da BNCC frente às questões de gêneros e sexualidades na perspectiva da diversidade, o que, desse modo, pode potencializar discursos mais conservadores no campo da educação, principalmente na escola, um espaço onde temos constantes disputas de poder que, via de regra, se refletem nas demandas e questões sociais vigentes.

Essa pressão que a educação sofre... eu costumo dizer sempre assim, sabe, tem uma expressão africana que diz 'só se levanta para falar quem um dia sentou para aprender'. Todo mundo quer opinar na educação. Quem tem que opinar na educação é quem faz a educação. Ninguém chega para dizer assim, para um médico, para um engenheiro, 'você



deve agir dessa forma', porque ele estudou para ser, para exercitar aquela profissão. Mas, na educação, todo mundo quer dizer como a gente pode dar aula, como deve ser a nossa postura, o que é que a gente pode ou não pode dizer, que assunto a gente pode ou não pode tocar. E é justamente essa influência das bancadas tradicionais, das bancadas religiosas. A gente, enquanto professor, a gente percebe nessas reformulações e trocas aí da BNCC, de como isso tem influenciado não só as discussões no tocante às questões das nossas raízes, não só no tocante à discussão de gênero, mas no tocante à questão do nosso atuar em sala de aula (Raquel, 47, professora).

A investida de grupos mais conservadores para que essa discussão não adentre os muros escolares estabelece relação com a disputa de poderes presentes nas instituições de ensino, principalmente em seus currículos, planos de educação e projetos políticos-pedagógicos. A naturalização de uma visão mais conservadora evita questionamentos e incertezas, afinal, não se deve questionar a norma, mas adaptar-se.

A esse respeito, Giddens (2009) elucida que as normas estão presentes no espaço social, ofertando aos sujeitos um conjunto de regras que dizem sobre as formas aceitas do viver em sociedade e os comportamentos permitidos. O cotidiano é marcado por regulações que visam manter a estrutura social dentro de uma construção que trata alguns comportamentos como naturais e outros, por serem divergentes do esperado, como não aceitos. Essas normas, no entanto, podem sofrer resistências por parte daqueles(as) que não se enquadram ao perfil esperado.

Tocar nessas questões e promover uma reflexão que desconstrua ideias preconcebidas da vida humana é dever dos espaços educativos. Na ação de reforçar antigos estereótipos dos papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres, a escola tem deixado à margem sujeitos sociais que não são contemplados por essa discussão e que, no âmbito social, sofrem diversas formas de preconceito e discriminação.

Através da narrativa da professora Raquel, é perceptível como, em muitos momentos de sua atuação profissional, ela foi tratada de forma hostil por seus pares, que chegaram a acusá-la de defender estudantes vítimas de homofobia apenas por ser lésbica, como se sua ação fosse um equívoco e o certo fosse dizer aos estudantes não heterossexuais que eles estavam errados, devendo se ajustar ao esperado deles socialmente.

Constituir-se como professora demandou, da nossa entrevistada, muito empenho. Sua identidade sexual, após vir à tona, chegava antes da profissional, da mulher, da docente, e suas ações poderiam, a qualquer momento, ser questionadas. Notamos, nas entrelinhas dos ditos e não ditos da professora Raquel, um cenário educativo que historicamente tem permanecido como ferramenta de manutenção social, em uma perspectiva conservadora, patriarcal e religiosa – campos que têm influenciado de diversas formas a construção de documentos norteadores dos caminhos da educação.



Ao ser indagada sobre como ela avalia as discussões a respeito do campo dos gêneros e das sexualidades na cidade de Mamanguape, onde leciona há 24 anos, ela se mostra preocupada. Em sua visão, as instituições têm usado apenas de datas comemorativas, momentos isolados que não oportunizam de fato uma problematização mais duradoura e constante dentro dos muros escolares.

[...] Eu costumo dizer que discussões de gênero em sala de aula, em escola, é muito como o 13 de maio, e muito menor ainda do que o 20 de novembro. É aquela data ali específica que você falou, que você discutiu, e de repente um colega de trabalho, mais atrevido, mais ousado, para tentar puxar uma discussão maior. Mas, no que se refere à esfera no geral, não avançamos muito nisso. Fica muito restrito à direção da escola, à coordenação da escola para agir. Se você esbarra em uma inquieta como eu, ou um inquieto, como temos alguns outros por aí, a gente consegue avançar, com dificuldade mas avança. Quando se esbarra naqueles que são tradicionais, naqueles que são extremamente negacionistas, não avança. Nosso discurso não se espalha. Tirando daquele momento estanke, a situação pipocou ali, passam-se os panos. Mas aí eu não vejo isso diferente da privada. A gente fala no público porque é onde a gente tem a vida inteira, e onde a maioria dos nossos estão (Raquel, 47, professora).

A crítica tecida por nossa entrevistada sinaliza a importância de que a escola possa vir a ser um espaço potente para a reflexão sobre as questões que têm relação com a vida dos(as) sujeitos(as), oportunizando, dentro dos muros escolares, uma discussão que viabilize a percepção da heterossexualidade não como a única forma possível da sexualidade humana (Sell, 2006), mas como uma das possibilidades – eis um dos nossos desafios mais urgentes.

Tal atitude pode colaborar para que pessoas não heterossexuais permaneçam na escola e tenham acesso a uma educação que lhes garanta respeito, que os faça partícipes do processo educativo. Pessoas homossexuais tendem a ser rejeitadas de diversas maneiras, nos mais variados espaços. Podemos notar isso na própria narrativa da professora Raquel. Enquanto sua sexualidade não era algo público, e se pressupunha que ela fosse heterossexual, o seu fazer docente não era questionado a partir da campo da sexualidade, o que muda quando o fato de ser lésbica vem a público.

Acreditamos que ser homossexual imprime uma marca nos(as) sujeitos(as) que os(as) singulariza e que pode ecoar em diversas áreas de suas vidas, como uma cobrança a mais, como uma vigilância mais atenta e que, a depender da proporção, faz com que o(a) indivíduo(a) assuma posturas que se baseiam sempre na reflexão entre o permitido e o não aceito, ainda que a mesma lógica não se aplique àqueles(as) que se alinham à norma heterossexual.

O trabalho com as histórias de vida docente nos auxiliam a compor esse cenário e a refletir sobre como o espaço educativo vem se constituindo no percurso histórico, assim como a respeito das fissuras desenvolvidas por aqueles(as) que têm atuado dentro desse ambiente e possibilitado a construção de discursos outros, que propõem uma instituição escolar mais inclusiva, que não normalize apenas uma possibilidade da sexualidade humana, apoiada em uma visão biologizante.



Buscando contribuir com a ampliação dessa discussão, a Raquel se lançou no espaço político e, no período de campanha, propôs a discussão de algumas conferências, via internet, para refletir sobre alguns temas, entre eles, a homossexualidade, mas não obteve êxito.

[...] Parece mentira. Eu procurei cinco amigos para virem conversar comigo, todos professores. Desses cinco, quatro universitários. E nenhum deles disse que tinha condições de vir, por medo dos ataques que sofreriam lá, não mais pelo aluno em si, mas pela coordenação do curso, porque era muito rigoroso, e estavam tendo corte de pessoal e eles tinha medo de entrar nessa cota pelo fato de eles serem gays e agora, de repente, estarem em uma live. O declarar deles... E eu fiquei muito triste. Você, enquanto professor... eu me vejo muito dessa forma sabe, de reconhecer que a gente está aqui enquanto professor, independente de qual seja o nível em que você atue, do infantil ao superior, para derrubar qualquer obstáculo, qualquer barreira que exista no crescimento do outro indivíduo. E quando você não consegue auxiliar a sua, como você consegue auxiliar o outro? Eu fiquei muito triste com isso. Mas compreendi e respeitei, embora discordasse. Compreendi e respeitei porque eu sei o que é nossa fonte de renda. Para mim é muito mais tranquilo pois eu sou concursada, efetiva. Tirando o fato de que eu cometa uma falha muito grande que vá esbarrar em um processo administrativo, eu estou assegurada. Até hoje, não é? Mas aí os demais são todos de redes privadas. Então eu senti, senti demais como falta acolhimento, como hoje eu olho na minha cidade e vejo a necessidade de a gente ter isso, do acolher também enquanto gestão. E aí eu não falo mais só a educação, estou estendendo aqui a outras secretarias. No tocante a direitos humanos, a cidadania, de a gente ter um grupo certo, com um suporte humanizado, para poder acolher e direcionar muitas das nossas crianças, muitas das nossas adolescentes, que não têm esse respaldo, esse amparo na família, muito menos na sociedade (Raquel, 47, professora).

Embora tenhamos avançado em algumas questões, ainda paira no ar uma espécie de medo, ou de cuidado consigo mesmo, resquício de uma homofobia que historicamente vem se fortalecendo (Borrillo, 2016). Percebemos, através da narrativa da professora, como o simples fato de vir a público discutir essas questões pode pôr em risco o emprego de alguns(mas) docentes e, por esse motivo, eles(as) preferirem não falar sobre o assunto, mantendo-se no anonimato.

Tal situação implica uma série de reflexões sobre o transitar desses(as) docentes no âmbito da educação, que precisam levar em consideração uma série de fatores, como, por exemplo, o ato de falarem sobre suas famílias ou mesmo discutir as questões referentes ao campo da homossexualidade, tensionados no entrelugar do permitido e do proibido. Mesmo com todos os avanços e as discussões que já conquistamos no espaço social, é preciso ainda avançarmos mais em alguns aspectos.

4 Considerações que não se pretendem finais

A escrita deste artigo tenciona produzir uma série de reflexões a respeito do espaço educativo e de como as questões referentes ao campo dos gêneros e das sexualidades ainda são tidas como algo a ser combatido, ao invés de abraçado. Naturalmente, não pretendemos que tal afirmação seja entendida como algo generalista ou definitivo.

Entendemos que a narrativa da professora Raquel se apresenta como uma fonte de estudo



e que se relaciona histórica e culturalmente com o contexto no qual ela tem se constituído ao longo dos anos. Assim, sua fala ecoa através de suas memórias e nos trazem nuances importantes de um ambiente que precisa avançar em algumas questões, assumindo uma perspectiva de efetivamente incluir a todos e todas.

A forma como alguns(mas) colegas de profissão atuavam no ambiente de trabalho nos preocupa de muitas maneiras e sinaliza a importância e a necessidade da discussão sobre tais questões na escola, uma vez que alunos(as), professores(as) tinham seus corpos vigiados, com o intuito de que se portassem dentro do padrão socialmente esperado – o que delineia um ambiente ainda muito difícil para que alguém se afirme como não heterossexual.

Em contrapartida, temos uma professora, mulher e lésbica que tem atuado no espaço escolar, apesar de todos os entraves, e tem provocado rupturas em um sistema que vem lutando para manter uma visão mais fundamentalista e conservadora de sociedade, que, obviamente, não contempla toda a diversidade humana. Ainda há muito a ser feito. Atuar no interior paraibano como uma mulher lésbica é ir contra essa onda de preconceitos e discriminação que ronda o nosso viver social. É resistir.

A história de vida da professora Raquel sinaliza e abre caminhos para outras investigações a respeito de como as instituições de ensino têm avançado ou regredido no tocante às questões aqui postas para estudo. Essas narrativas podem nos ajudar a compor um quebra-cabeças muito maior da educação no interior paraibano.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 442-473, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645172>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.



CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Gênero e diversidade sexual: um glossário*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2009.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista de História Oral*, [Rio de Janeiro], v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FERREIRA, Berta Weil; FERREIRA, Lenira Weill. Histórias de mulheres: o processo de identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 355-384.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANÇA, Felipe Gabriel Ribeiro. “*Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual*”: narrativas e experiências de professor@s homossexuais. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/874>. Acesso em: 10 mai. 2023.

FRANCO, Neil. *A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13769>. Acesso em: 10 mai. 2023.

GIDDENS, Antony. *A constituição da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOMES, Joanderson de Oliveira. *Narrativas docentes: as performances de professores gays*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29365>. Acesso em 04 abr. 2023.

GOMES, Joanderson de Oliveira; MIRANDA, Joseval dos Reis. “Professor, o senhor gosta de mulher?”: as performances e as performatividades de professores gays. *Horizontes*, São Paulo, v. 41, n. 1, e023020, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1537>. Acesso em: 09 jun. 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da ideologia de gênero: um projeto reacionário de poder*. Campo Grande: Letras Livres, 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Retratos da Escola*, Brasília, DF, v. 7, n. 13, p. 481-498, 2013. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>. Acesso em: 04 mar. 2023.



- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2019. p. 7-42.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Cadernos da Diversidade).
- NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto, 2007. (Coleção Ciências da Educação).
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAMALHO, Carla Chagas; VIEIRA, José Jairo. O escutar do silêncio – o que está por trás da mudez da BNCC sobre as estruturas de gênero. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 483-496, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8369>. Acesso em: 05 jun. 2023.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 03 mai. 2023.
- RIOS, Pedro Paulo Souza. *O estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11842>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- SALES, Romualdo da Silva. *A diferença vai à escola: problematizando as articulações discursivas e epistemológicas sobre os marcadores sociais da diferença no espaço educacional*. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15380?locale=pt_BR. Acesso em: 05 mar. 2023.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 09 jun. 2023.
- SELL, Teresa Adada. *Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. História Oral e Educação: Tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *História Oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora : Ed. UFJF, 2006. p. 155-168.

